



## A formação da família de construções aspectuais finais na história do português: conexões entre redes multiformes

### *The Egressive Aspectual Constructional Family Formation in Portuguese History: Multiform Networks Connections*

José Roberto Prezotto Junior

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

prezotto.jr@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7077-543X>

**Resumo:** Assumindo-se as premissas teórico-metodológicas da abordagem construcional, que define a língua como sistema adaptativo complexo e organizada em redes de construções, as quais, ligadas via elos verticais e horizontais, se unem por traços de forma e de significado, constituindo famílias (BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; SOMMERER, 2020; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; *inter alia*); investiga-se, neste trabalho, em perspectiva diacrônica, a gênese e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final no português, a partir do estudo de três microconstruções: [deixar+de+V<sub>inf.</sub>], [parar+de+V<sub>inf.</sub>] e [largar+de+V<sub>inf.</sub>]. Para tanto, empregam-se os métodos quantitativo e qualitativo na análise de dados recolhidos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) entre os séculos XIII e XXI; ademais, a fim de averiguar a extensibilidade dos pareamentos nas redes, arrola-se, como parâmetro, a apuração dos tipos semântico-pragmáticos de verbos sancionados no *slot* de V<sub>inf.</sub>. Os resultados obtidos atestam que a formação do grupo aspectual final tem origem na família transitiva, cuja semântica denota o afastamento entre os participantes da predicação. Membro dessa família, a microconstrução conteudística com deixar tem seu *slot* de objeto neoanalisado, promovendo a emergência do pareamento [deixar+de+V<sub>inf.</sub>], que, pelo mecanismo de ativação expandida, se torna membro da família aspectual na rede auxiliar. Posteriormente, surgem, via analogização, as microconstruções [parar+de+V<sub>inf.</sub>] e [largar+de+V<sub>inf.</sub>], que, compartilhando similaridades, também se consolidam nesse agrupamento procedural. Portanto, esta

investigação ratifica a importância de se aliar trajetórias diacrônicas e processos cognitivos na explicação de como redes multiformes se conectam e promovem a (re) configuração de famílias construcionais.

**Palavras-chave:** família construcional; aspecto final; diacronia.

Abstract: Founded on the theoretical and methodological premises of the constructional approach, which defines language as a complex adaptative system, organized in networks of constructions that, linked by vertical and horizontal links and united by form and meaning traces, constitute families (BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; SOMMERER, 2020; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; *inter alia*); this paper investigates, in diachronic perspective, the genesis and the development of the egressive aspectual constructional family in Portuguese, through three microconstructions' analysis: [deixar+de+V<sub>inf.</sub>], [parar+de+V<sub>inf.</sub>] e [largar+de+V<sub>inf.</sub>]. Thus, quantitative and qualitative methods are used in the examination of the data collected from *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) between 13<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries; moreover, in order to verify the extensibility of the pairings in the network, checking the semantic-pragmatic verb types, sanctioned in the Vinf. slot, is listed as a parameter. The results demonstrates that the egressive aspectual group formation originates in the transitive family, whose semantics indicates the distance among the participants in the predication. Member of this family, the contentful microconstruction with *deixar* has its object slot neoanalyzed, giving rise to [deixar+de+V<sub>inf.</sub>] pairing, which, by the spreading activation mechanism, becomes a member of the egressive aspectual family in the auxiliary network. Subsequently, the [parar+de+V<sub>inf.</sub>] e [largar+de+V<sub>inf.</sub>] microconstructions emerge by analogization, and, since their sharing similarities, they also consolidate in this procedural group. Therefore, this investigation confirms the importance of associating diachronic trajectories and cognitive processes in explaining how multiform networks link and promote the constructional families' (re) configuration.

**Keywords:** constructional family; egressive aspect; diachrony.

Recebido em 03 de dezembro de 2021

Aceito em 15 de dezembro de 2021

## Introdução

Inserida nos Modelos Baseados no Uso, a abordagem construcional da linguagem define a língua como um sistema adaptativo complexo, organizado em redes de construções, que, ligadas via elos verticais e horizontais, se agrupam em famílias, formal e semanticamente, similares. Nessa perspectiva, a gramática é sempre emergente, e, via processos cognitivos, como analogização, neoanálise, sedimentação, ativação expandida etc., a mudança é desencadeada, gradualmente, pelo uso (BARÐDAL; GILDEA, 2015; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG; 1995; 2006; 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*).

Então, assumindo essa abordagem e tomando como referência as investigações sobre as famílias de orações relativas do inglês (DIESSEL, 2019) e de [para + V<sub>inf.</sub>] do português (TORRENT; 2009; 2015), explora-se, neste artigo, a formação e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final na história do português, a partir do estudo de três microconstruções, cujo primeiro *slot* é sancionado pelos verbos *deixar*, *parar* e *largar*. Observam-se as ocorrências de (1) a (3):

- (1) Fazer um piercing na língua tornou- se muito comum nos últimos anos, a prática começou em meados da década de 1990 e com o tempo realmente **deixou de ser** um tabu. (20a8se.com).
- (2) Minha mãe comprou um carro pra meu irmão, **parou de pagar** em um determinado momento e fez um acordo amigavel pra devolver o carro. (20acertodecontas.blog.br).
- (3) Garanto a vcs que tomei uma posição e **larguei de usar** o tal remedio, não é de ver que meu coração voltou ao normal (20normal.crisdias.com).

Indicadoras da categoria de aspecto, que envolve as fases temporais internas de uma dada situação (CASTILHO, 2002; COMRIE, 1976); as microconstruções [deixar+de+V<sub>inf.</sub>], em (1), [parar+de+V<sub>inf.</sub>], em (2), e [largar+de+V<sub>inf.</sub>], em (3), sinalizam o atingimento dos momentos finais dos Estados de Coisas (EsCo) *ser*, *pagar* e *usar*, respectivamente, instaurando o pressuposto de que tais EsCo, portadores do traço de [+duração], aconteciam antes (*vide* BORBA, 1990; TRAVAGLIA, 2007; HINTZE, 2013).

À vista disso, tomando por base dados dos séculos XIII ao XXI, oriundos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) e associando análises quantitativa e qualitativa, arrolam-se dois objetivos: i) mostrar que as microconstruções procedurais estudadas descendem e estabelecem relações com a família construcional transitiva de afastamento; e ii) examinar, especificamente, os três pareamentos em foco através da verificação dos tipos semântico-pragmáticos de  $V_{inf}$ , com o intuito atestar o desenvolvimento das microconstruções na família aspectual.

Esses objetivos se delineiam para evidenciar a importância de investigações diacrônicas em pesquisas linguísticas; e, também, para ratificar a premissa da abordagem construcional de que, na língua, nada se encontra em isolamento, pois, quando a mudança está em curso, redes multiformes se conectam, compartilham traços e promovem a emergência e a consolidação, via mecanismos cognitivos, de novos nós.

Além desta seção introdutória, este trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, expõe-se o referencial teórico; na seção 2, descreve-se os procedimentos metodológicos adotados; na seção 3, caracteriza-se, primeiramente, a família transitiva de afastamento, depois, detalha-se a transição entre famílias; e, explana-se, finalmente, como novos pareamentos foram inclusos na família aspectual; na seção 4, apresenta-se a conclusão, seguida das referências.

## **1 Referencial teórico**

### **1.1 Abordagem construcional baseada no uso**

A abordagem construcional da gramática integra um conjunto de teorias linguísticas denominadas, globalmente, como Modelos Baseados no Uso, que abarcam pesquisas sincrônicas e diacrônicas preocupadas em explicar, por meio de processos cognitivos e interativos, como uso e estrutura estão, intrinsecamente, relacionados à emergência, desenvolvimento e apagamento de padrões linguísticos (BARLOW; KEMMER, 2000).

A visão construcional define língua como um sistema adaptativo complexo, derivado e moldado a partir das diversas situações experienciadas pelo homem (BYBEE, 2016), que tem seu conhecimento linguístico armazenado sob a forma de construções. Essas unidades são

organizadas no *Constructicon*<sup>1</sup> (GOLDBERG, 2019) e estruturadas via redes taxonômicas e merônimas, constituindo famílias construcionais (BARÐDAL; GILDEA, 2015).

Desse modo, como complemento ao seu caráter adaptativo, língua também se define pela metáfora das redes, uma vez que as construções, ou nós, se (re) configuram radialmente e se distribuem via diferentes elos, promovendo a dinamicidade do funcionamento linguístico (DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; HILPERT 2014; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*).

As construções, adotadas como objeto de análise, se definem como pareamentos simbólicos e convencionais de Forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e Significado (semântica, pragmática e discurso). Em (4), dispõe-se a representação proposta por Traugott e Trousdale (2021, p. 36):

(4) [[F]]  [[S]].

Tais pareamentos se caracterizam por três propriedades construcionais: i) *esquematicidade*, que envolve a abstratização, ou ainda, a hierarquização da rede pela atuação do processo cognitivo de categorização; ii) *produtividade*, que determina a generalidade, regularidade e extensibilidade construcional (BARÐDAL, 2008) pela apuração das frequências *token* (número de ocorrências de uma mesma construção) e *type* (número de padrões diferentes de uma construção (BYBEE, 2003); e iii) *composicionalidade*, que trata da transparência e opacidade entre Forma e Significado pela identificação do significado como derivado ou não das subpartes construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

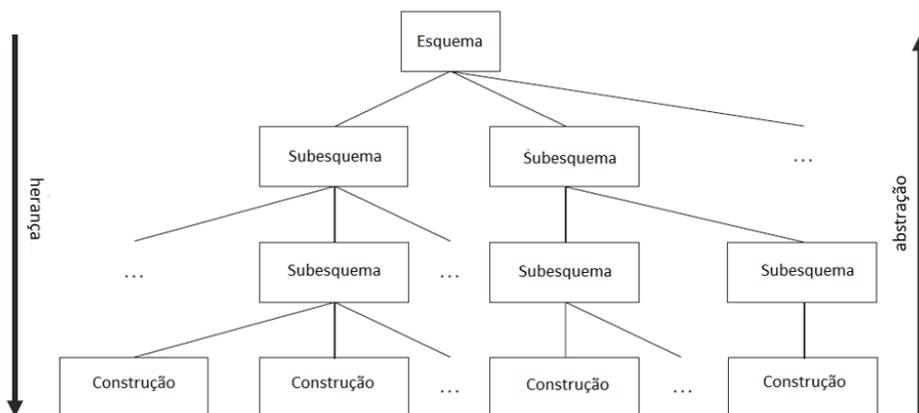
Inerentes às redes, esses pareamentos se conectam via elos verticais e horizontais. Os elos verticais estabelecem relações taxonômicas, constituindo hierarquia e herança construcionais. Essa constituição segue a perspectiva *bottom-up*, na qual exemplares de uso, construtos, situados em nível mais baixo, se ligam a microconstruções, que se conectam a subesquemas, que, por sua vez, se prendem a esquemas, localizados no topo da rede (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

<sup>1</sup> *Constructicon* se refere à rede estruturada de conhecimento linguístico interrelacionado. Nele aloca-se todas as construções gramaticais e lexicais (GOLDBERG, 2019).

Do ponto de vista cognitivo, essa formação ressalta a importância do uso na dinâmica linguística, pois, pela constante repetição, um nó é memorizado e sedimentado. Ademais, paralelamente a esses processos, os usuários têm a capacidade de detectar semelhanças entre construtos e de os abstrair, promovendo sua generalização (DIESEL, 2019).

A título de exemplo, apresenta-se, na figura 1, uma hierarquia taxonômica, proposta por Smirnova e Sommerer (2020). Segundo as autoras, as construções, em níveis mais altos, são esquemáticas (esquemas), as construções, mais abaixo, são intermediárias (subesquemas), e as construções, na base da hierarquia, são especificadas (construções/microconstruções). As autoras não representam os construtos.

Figura 1– Hierarquia taxonômica simplificada



Diferentemente dos elos verticais, os elos horizontais designam relações entre construções no mesmo nível de abstração, evidenciando que, na rede, um pareamento específico pode ser, total ou parcialmente, motivado pelas relações estabelecidas entre seus vizinhos (DIESEL, 2015; VAN DE VELDE, 2014).

Esse tipo de elo tem recebido, recentemente, destaque nas pesquisas construcionais (HILPERT, 2018). A justificativa para tal enfoque é a de que as relações taxonômicas não são exclusivas na gramática de uma língua, visto que há, também, o envolvimento de relações horizontais entre construções semântica e/ou formalmente similares.

De acordo com Zehentner e Traugott (2020), os elos horizontais desempenham um importante papel da evolução diacrônica das construções, pois,

[...] se a associação horizontal entre dois padrões se torna cada vez mais forte, isso pode desencadear, ao longo do tempo, o estabelecimento de uma abstração de ordem superior e, pode, portanto, ser também responsável pela retenção de ambos os padrões em vez da perda de um ou de outro<sup>2</sup>. (ZEHENTNER; TRAUGOTT, 2020, p. 174, tradução nossa).

Assim, ao se tornarem mais sedimentados na mente do usuário no decorrer da história, os pareamentos associados se fortalecem e, juntos, constituem famílias na rede linguística. Essas famílias construcionais são grupos abertos de construções, unidos por traços compartilhados de forma, de significado semântico ou de função pragmática e de características herdadas por esquemas. Sommerer (2020, p. 91, tradução nossa) define esse agrupamento como “uma rede de nós ‘irmãos’ intimamente relacionados (conectados via elos horizontais) e seus nós ‘mãe’ (conectados via elos verticais), que são similares em forma e função<sup>3</sup>.”

Em resposta ao caráter multifacetado das redes, os nós podem emergir e se firmar como um exemplar prototípico do esquema, se conectar com outros esquemas de diferentes domínios, ou ainda, se apagar no curso da história. Tais alterações ocorrem i) via mudanças internas ao nó (mudança construcional); ii) via criação e apagamento do nó (construcionalização ou desaparecimento construcional); iii) via mudanças externas ao nó (reconfiguração da rede construcional) (SMIRNOVA; SOMMERER, 2020).

Dois tipos de mudança se destacam: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira não envolve a emergência de um novo pareamento na rede, pois afeta dimensões internas da construção, seja na forma ou no significado; já a segunda trata da criação, em uma sucessão de micropassos, de um novo pareamento, que pode ser conteudístico

---

<sup>2</sup> No original: “if the horizontal association between two patterns becomes increasingly strong, this can lead over time to the establishment of a higher order abstraction, and can thus also account for the retention of both patterns instead of the loss of one or the other.”

<sup>3</sup> No original: “a network of closely related ‘sister’ nodes (connected via horizontal links) and their ‘mother’ nodes (connected via vertical links) which are similar in form and function.”

(lexical) ou procedural (gramatical), de que o objeto de análise deste trabalho é exemplo. Especificamente, na construcionalização gramatical, o desenvolvimento de uma função procedural é acompanhado de modificações nas propriedades construcionais, como aumento em produtividade e esquematicidade e redução em composicionalidade.

Na implementação da mudança, atuam os mecanismos cognitivos de neoanálise, um micropasso de mudança construcional que altera partes da construção, e de analogização, uma possibilidade de esquemas ou subsquemas atraírem para si construções antes inexistentes na língua.

No fechamento desta seção, salienta-se a importância de, além do reconhecimento sincrônico de conexões entre nós e elos, traçar caminhos diacrônicos que expliquem a reconfiguração das redes por meio do surgimento, desenvolvimento, recrutamento e apagamento de nós em famílias construcionais.

## 1.2 A categoria procedural de aspecto

Nos estudos da linguagem, a conceitualização e classificação aspectual é bastante difusa, em virtude das inúmeras pesquisas em diferentes modelos teóricos que tratam do tema. Comumente, aspecto se insere no amplo domínio da auxiliaridade, estabelecendo laços com as categorias de tempo e modo.

No português, os tipos aspectuais se apresentam via construções auxiliares perifrásticas, cuja sequência de verbos se forma por um verbo de função gramatical, auxiliar, e por um verbo pleno, auxiliado, flexionado nas formas nominais de gerúndio, particípio ou infinitivo (RAPOSO, 2013).

De modo geral, aspecto compreende as “várias maneiras de conceber a constituição temporal interna de uma situação.”<sup>4</sup> (COMRIE, 1976, p. 3, tradução nossa). Em outras palavras, essa categoria “é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as *fases* que ele pode compreender.” (CASTILHO, 2002, p. 83, *itálico no original*).

---

<sup>4</sup> *No original*: “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.”

Devido à não concordância na sistematização dos tipos aspectuais<sup>5</sup>, adota-se a tipologia de Castilho (2002), reproduzida no quadro 1. Apesar de a proposta ser clara, o autor enfatiza que uma mesma forma aspectual pode assumir mais de uma nuance, sendo, então, inadequada uma rígida classificação.

Quadro 1 – Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo	Pontual, resultativo
Face quantitativa	Semelfactivo, iterativo	

Fonte: Castilho (2002, p. 87).

Conforme disposto no quadro 1, na face qualitativa, os tipos aspectuais se dividem entre imperfectivo, predicação dinâmica em que é possível depreender suas fases de desenvolvimento, e perfectivo, predicação indicadora da completude do EsCo, sem focalizar suas fases. No domínio da imperfectividade, distinguem-se três tipos: inceptivo, que denota o início de um EsCo (*comecei a ler um livro*), cursivo, que descreve a fase de desenvolvimento do EsCo (*estamos assistindo ao filme*), e, terminativo, que evidencia os momentos finais de um EsCo (*deixei de beber cerveja*). Já no domínio da perfectividade, tem-se os tipos pontual, que denota a pontualidade da situação (*encontrei meu namorado na praça*), e o resultativo, que apresenta os resultados de um EsCo já realizado (*a lavoura foi destruída pela geada*).

Na face quantitativa, identifica-se os tipos aspectuais semelfactivo, que denota uma única realização do EsCo (*descobri uma série ótima na TV*), e iterativo, que indica a repetição do EsCo (*o menino pulava de alegria*).

Em razão do tipo indicador dos momentos derradeiros de um EsCo ser foco desta investigação, passa-se a caracterizá-lo de modo mais atento. As nuances cessativa e terminativa são intrínsecas à fase final, a primeira realça a interrupção, e a segunda, a conclusão de situações já iniciadas. As ocorrências (5) e (6) exemplificam esses valores.

<sup>5</sup> Na literatura acerca do tema, a tipologia aspectual não é uniforme e consensual. Cf. as classificações de Comrie (1976), Castilho (2002) e Travaglia (2014), por exemplo.

(5) Antes, quando eu estava naquela vida eu **larguei de ir** ao médico, eu não gostava de médico, agora, se é para acordar as cinco horas da manhã e vir, eu venho. (19Ac:Br:Lac:Thes).

(6) No ano passado, a farinha, com baixa produção, **parou de funcionar** e seu maquinário foi colocado à venda. (19N:Br:Cur).

Em (5), se se considera o enunciado apenas até a oração *eu não gostava de médico*, certamente pressupõe-se que houve a conclusão do EsCo. No entanto, ao ter-se em conta todo o contexto, constata-se que apenas ocorreu a interrupção do EsCo, uma vez que o agente anuncia uma mudança de comportamento pelo uso do advérbio *agora*, indicando, portanto, cessamento. Em contrapartida, tem-se, na ocorrência (6), o EsCo *funcionar* como finalizado, sem possibilidade de retorno; aqui, elementos contextuais favorecem a noção de conclusão, como *no ano passado e foi colocado à venda*.

Apesar de as ocorrências acima indicarem nitidamente as duas nuances, Prezotto Junior (2020) argumenta que essa distinção é muito estreita, especialmente no que tange aos dados diacrônicos, pois são necessários elementos outros, como sintagmas adverbiais, orações, informações contextuais que, muitas vezes, não estão disponíveis ao pesquisador<sup>6</sup>.

Sobre este fato, apresenta-se, em (7), uma ocorrência ambígua do século XVII, na qual pressupõe-se que, devido ao aumento da temperatura, o agente pode ter concluído ou apenas cessado o EsCo *beber*. Esse contexto se torna impreciso porque, pelas experiências vivenciadas, os usuários da língua sabem acerca das constantes alterações climáticas, e, então, inferem que é possível a retomada do consumo de água com salitre quando a temperatura baixar.

<sup>6</sup> Observa-se que outras microconstruções aspectuais finais, como [acabar+de+V<sub>inf.</sub>] (*acabei de ler um livro*), não apresentam ambiguidade entre as nuances cessativa e terminativa, pois, pela interação entre as categorias de aspecto e tempo, tem-se, inerente a esse *chunk*, a ideia de conclusão imediata, não havendo, então, a necessidade de se recorrer a outros elementos. Esse fato revela a interação entre domínios nas redes, uma vez que a construção incorpora partes de vários sistemas da língua, não se restringindo a apenas um domínio (ZEHATER, 2019).

(7) se começou a agoa a quentar com notavel differença do que athé agora; por aly se continuou nesta forma athé altura de 24 graos, e de então pera cá se enxerga nella que está o tempo mais fresco, e **deixo de beber** com salitre que me foi muy bom companheiro. (16:Sarzedas:Diario).

“se a água começou a esquentar com notável diferença do que era antes, e, se continuou desta forma até a altura de 24 graus, então, percebe-se, por ela, que o tempo está mais fresco, e deixo de beber [água] com salitre que me foi ótimo companheiro.”<sup>7</sup>

Em síntese, reconhecendo os possíveis contextos ambíguos e as diferentes categorizações de tipos aspectuais, classifica-se, neste trabalho, as microconstruções estudadas sob o rótulo de aspecto final, essa noção geral abarca as semânticas de fim conclusivo e fim temporário de um EsCo.

## 2 Procedimentos metodológicos

Assume-se, neste artigo, a abordagem construcional da linguagem (BARÐDAL; GILDEA, 2015; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG; 1995; 2006; 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*) e concilia-se os métodos qualitativo e quantitativo para a análise de dados, os quais foram coletados do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016). Esse *corpus* se divide em dois *subcorpora*: *gênero/histórico*, composto por mais de 45 milhões de palavras, com textos do século XIII ao XX; e *web/dialetos*, constituído por um bilhão de palavras, com textos do século XXI, oriundos de páginas eletrônicas.

Para resolver o impasse da não possibilidade de um controle preciso para o tratamento dos textos disponíveis no referido *corpus*, selecionou-se, durante a coleta, as entradas [leix\*/deix\*], [par\*] e [alarg\*/larg\*] nas sincronias do século XIII ao XXI, a fim de se obter uma visão geral dos verbos situados no primeiro *slot* das microconstruções aspectuais, contemplando todas suas flexões modo-temporais, usos e funções. Seguindo esse procedimento, recolheu-se as cem primeiras

---

<sup>7</sup> Abaixo das ocorrências do português arcaico ou clássico, dispõe-se uma adaptação para o português moderno.

ocorrências<sup>8</sup>, levantadas automaticamente e aleatoriamente, de cada microconstrução em cada sincronia. Ressalta-se que, no português arcaico, os dados são escassos, por isso, todas as ocorrências disponíveis foram consideradas.

Após a compilação, quantificou-se as ocorrências, em termos de frequência *token*, no programa estatístico *R: A language and environment for statistical computing* (R CORE TEAM, 2021). A distribuição geral de frequência *token* (BYBEE, 2003) das microconstruções com *deixar*, *parar* e *largar* em cada século é exibida na tabela 1 e no gráfico da figura 2.

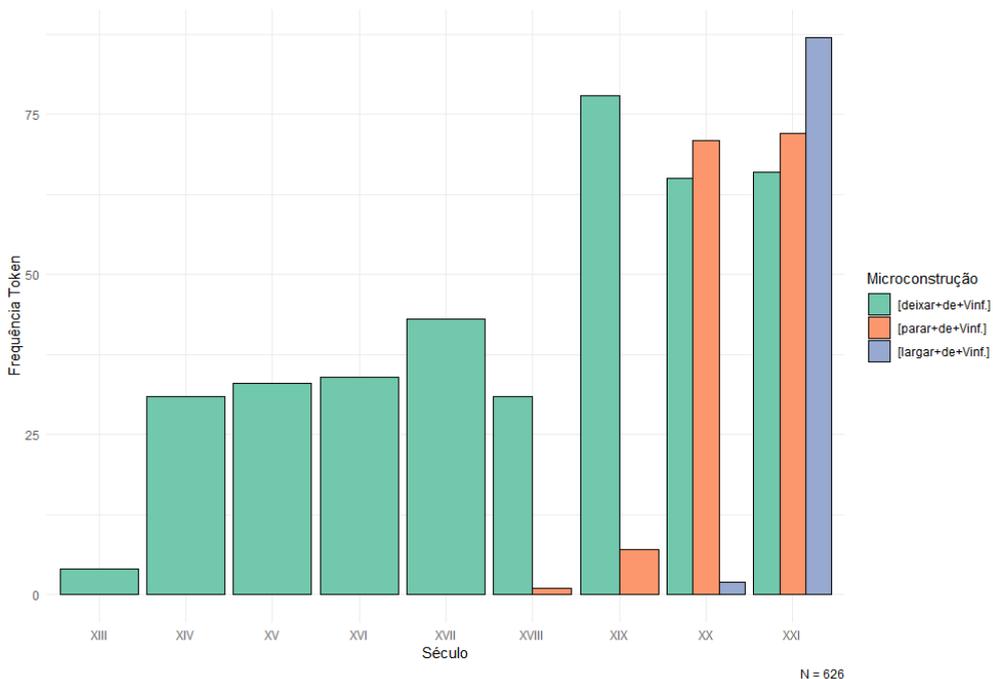
Tabela 1– Frequência token das microconstruções aspectuais

Século Microconstrução	[deixar+de+V <sub>inf.</sub> ]	[parar+de+V <sub>inf.</sub> ]	[largar+de+V <sub>inf.</sub> ]	
XIII	4	-	-	4
XIV	31	-	-	31
XV	33	-	-	33
XVI	34	-	-	34
XVII	43	-	-	43
XVIII	31	1	-	32
XIX	78	7	-	85
XX	65	71	2	138
XXI	66	72	87	225
Σ	385	151	89	<b>626</b>

Fonte: Elaboração própria.

<sup>8</sup> Na coleta das cem ocorrências, algumas expressavam a semântica de cursividade, com uma partícula negativa anteposta à unidade construcional; portanto, por indicar outra fase aspectual (*vide* nota 12), essas ocorrências foram descartas na presente análise.

Figura 2 – Frequência *token* das microconstruções aspectuais



Fonte: Elaboração própria.

Para atingir o objetivo central de evidenciar a formação e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final, recorreu-se, na fase de análise das ocorrências, ao *Dicionário de Verbos Portugueses do século 12 e 13/14* (XAVIER; VICENTE; CRISPIM, 2003), ao *Vocabulário histórico-cronológico do Português medieval* (CUNHA, 2014) e ao *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa* (FERREIRO, 2014), obras que ajudaram na interpretação dos dados do português arcaico.

Também consideraram-se os tipos semântico-pragmáticos sancionados pelo verbo pleno na forma infinitiva, firmado no último *slot* das microconstruções. Os tipos verbais são definidos pela escala de traços semântico-pragmáticos proposta por Tavares e Freitas (2010). Em uma organização hierárquica, os verbos se ordenam entre tipos mais concretos, como os de atividade específica (*ler*, *dançar*) e os dicendi

(*falar, perguntar*), e tipos mais abstratos, como os de experimentação mental (*gostar, pensar*) e os de estado (*ser, estar*).

Esse parâmetro, além de contribuir para a caracterização das propriedades construcionais, permite averiguar a extensibilidade dos pareamentos nas redes, pois, à medida que as construções se consolidam, mais tipos de natureza abstrata elas tendem a sancionar.

Portanto, seguindo os procedimentos indicados e recuperando o clássico *cline* dos estudos em gramaticalização [+concreto > +abstrato] (HEINE, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), hipotetiza-se que, de uma família conteudística, novos nós emergem via construcionalização gramatical, formando, assim, uma família procedural.

### **3 Caminhos diacrônicos de emergência e consolidação da família aspectual final no português**

Esta seção encontra-se dividida em três partes. Primeiramente, descreve-se a família de construções transitiva, que possibilitou a emergência das microconstruções procedurais estudadas; depois, expõe-se como se deu a passagem, via neoanálise, da rede transitiva para a rede auxiliar; e, finalmente, evidencia-se a formação e consolidação da família aspectual final, por meio da analogização e ativação expandida.

#### **3.1 Formação da família construcional de afastamento**

Indicadoras de aspecto final, as microconstruções, cujo primeiro *slot* é ocupado pelos verbos *deixar, parar e largar*, têm origem na rede transitiva, configurada, esquematicamente, sob a forma [SUJ+V<sub>trans.</sub>+OBJ] e sob o significado [AGENTE CAUSA ALTERAÇÃO AO PACIENTE]. Das várias extensões dessa produtiva rede, localiza-se o subesquema que herda, verticalmente, a mesma forma do esquema, mas que expressa o significado particular de [AGENTE SE AFASTA DO PACIENTE]. Desse ponto intermediário, derivam microconstruções transitivas com os verbos estudados.

Através dos elos vertical, de herança, e horizontal, de similaridade, entre o referido subesquema e suas microconstruções, alega-se a formação da família construcional associada à semântica de afastamento. Esse sentido básico, do domínio biossocial humano, remete a uma alteração específica

na relação contígua entre os participantes na situação interativa, quando um agente se distancia ou abandona um paciente mais ou menos animado.

Em vista disso, inicia-se a descrição diacrônica desta família pelo verbo *deixar*, que, desde os primeiros séculos do português, revela-se polissêmico e multifuncional, codificando construções conteudísticas e procedurais (PREZOTTO JR., 2020; SOARES DA SILVA, 1999, 2011). Aqui, centra-se na microconstrução transitiva.

Advindo do verbo transitivo latino *laxo*, *ãvi*, *atum*, *ãre*, *deixar* apresentava as acepções de expansão, espaçamento, afrouxamento, abandono (GAFFIOT, 2016, p. 786). Na passagem da língua latina para a portuguesa, essa unidade preservou os sentidos que promovem, até a atual sincronia, a semântica de distanciamento.

Por conseguinte, reconhece-se, diacronicamente, que a microconstrução [SUJ+deixar+OBJ] se vincula ao esquema transitivo e, especificamente, se firma como membro da família de afastamento, conforme denotado pelas ocorrências em (8) e (9), nas quais a má mulher e o referente elíptico se apartam do marido e do cavalo, respectivamente.

(8) *a maa mulher que leixa seu esposo ou marido e se uay cõ outro he chamada adulterina. (1489 TC).*

“A má mulher que deixa seu esposo ou marido e se vai com outro é chamada adúltera.”

(9) Chegando ao alto de uma montanha, sentou-se para descansar. **Deixou o cavalo** pastando e Peri começou a seguir alguns pássaros. (*18:Pimentel:Avózinha*)

Sem caráter multifuncional como *deixar*, *parar* deriva do verbo transitivo latino *pãro*, *ãvi*, *ãtum*, *ãre*, cujos significados designavam o preparo para realização de algo, o preparo para terminar algo e o preparo para organização das coisas (GAFFIOT, 2016, p. 1117). Esses sentidos, do latim para o português, se esvaem, e as acepções de término, impedimento e separação se atualizam, possibilitando a entrada de *parar* na família construcional de afastamento.

Como exemplo do português arcaico, apresentam-se as ocorrências (10), em que um agente tem a possibilidade de interromper o EsCo *cavalgar*, inferido pelo contexto, e (11), em que o vassalo pode separar os filhos de seu chefe. Do português moderno, tem-se a ocorrência (12), na qual um diretor suspende a cena em curso.

(10) E, quando o cavallo assi he [...] , pode-o parar ou desviar en tal guisa que escusará o cajom [...] (SM14).

“E, quando o cavalo é assim [...], pode detê-lo ou desviá-lo de tal maneira que evitará o desastre[...]”.

(11) Esto mãdamos se o senhur morrer e o uassallo se quis(er) **parar** dos fillos d(e) seu senhor. (1280? FR PBA).

“Isto mandamos, se o senhor morrer e o vassalo quiser separar os filhos de seu senhor”.

(13) - Um dos atores mais experientes do grupo estava interpretando o fantasma e dizia: “ Lá no purgatório onde estou e onde vou permanecer até que meus crimes sejam purgados “. Um diretor **parou a cena** e perguntou: “ Quais foram os seus crimes “ Risos na platéia. (19Or:Br:Intrv:ISP).

Diferentemente de *deixar* e *parar*, a ascendência de *largar* não é, inteiramente, tangível. Ao consultar o dicionário Du Cange (1883, p. 181), infere-se que *largar*, possivelmente, advém do verbo latino *allargare*, que denotava expansão ou aumento.

No português arcaico<sup>9</sup>, as evidências também são difusas. A construção mais próxima, conforme o atual uso, é formada pelo verbo *alargar*, sob a forma [SUJ+alargar+SP] e sob os sentidos de ampliar, exceder, perder-se, soltar-se, lançar-se. Os últimos sentidos expressos por tal unidade se aproximam do sentido central da família enfocada nesta seção, uma vez que se trata, similarmente, do distanciamento entre o referente e o estado, até o momento, experienciado. A título de exemplo, a ocorrência (13) anuncia o acordo estabelecido entre os agentes de se atirarem ao mar.

<sup>9</sup> Fato interessante do período arcaico é a presença da forma perifrástica [largar+a+V<sub>inf.</sub>], usada, com baixa frequência, para denotar aspecto inceptivo. Esse uso é recorrente no português moderno na variedade europeia e não se aproxima da noção de afastamento, uma vez que indica a disposição de um agente em iniciar um EsCo. (Os condes de Lara, depois que tiveram o infante em seu poder, **largarom-se a fazer** o que nõ devyam. (S14 CGE). “Os condes de Lara, depois que tiveram o infante em seu poder, largaram-se a fazer o que não deviam.”).

(13) & no outro dia seguymte ouveram acordo de **se allargar ao maar**. (S15 ZPM).

“E, no dia seguinte, fizeram um acordo de se lançarem ao mar”

O contexto de espaçamento, denotado pela construção com *alargar*, ocorre até meados do século XVI; nesse século, *largar*, sob a forma [SUJ+largar+OBJ], assume o sentido de separação, mantido até o período moderno, estabelecendo-se na família de afastamento e diferenciando-se, assim, da semântica de expansão/aumento, elucidada por *alargar*. O rotineiro uso de *largar* é atestado em (14), que aponta para o distanciamento entre o agente, Bareto, e o lugar, a fortaleza.

(14) E dizião que este fidalgo sulçitara esta Jornada por se ver muito pobre, [...] aseitou aquela empreza muito Inferior: estaua por Capitão em mosambique, pero baReto seu parente, o quoaal sabendo, daquele caso, ouuese por tão afrontado que logo **largou a fortaleza** [...] e se embarcou para o Reino. (15:Couto:Decada8).

“E diziam que este fidalgo solicitara esta jornada por se ver muito pobre, [...] aceitou aquele trabalho muito inferior: ser Capitão em Moçambique. Mas, Bareto, seu parente, o qual, sabendo daquele caso, ficou muito ofendido que logo largou a fortaleza [...] e embarcou para o Reino.”

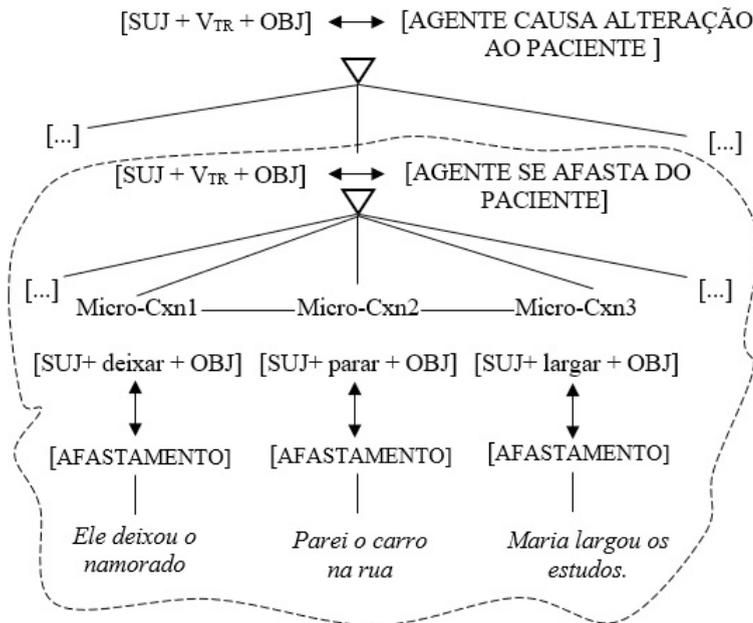
As evidências diacrônicas apresentadas corroboram a premissa de que as construções se interconectam de várias maneiras e se definem pelas relações estabelecidas com outras construções na rede (DISSEL, 2019). Portanto, defende-se a formação da família construcional de afastamento, que, situada na ampla rede de transitividade do português, se consolida ao longo dos séculos, inicialmente, com *deixar* e *parar* e, posteriormente, com *largar*<sup>10</sup>.

Com o intuito de tornar mais clara a configuração desse agrupamento, exhibe-se, na figura 3, a organização sincrônica da família conteudística, que herda, do esquema transitivo, via elo vertical (representado pelos triângulos seguidos de linhas), a forma e o significado de alteração promovida pelo

<sup>10</sup> É importante mencionar que a família de afastamento não se limita às construções com os três verbos investigados; há, também, outros verbos nesse conjunto, como *terminar*, *acabar*, *interromper*, *finalizar* etc. não abordados neste estudo.

agente em seu paciente. Essa relação se especifica, no nível do subesquema, quando o significado expressa a descontinuidade entre os participantes da predicação. Abaixo do subesquema, por meio do elo horizontal (representado pelas linhas na horizontal), se alocam as microconstruções [SUJ+deixar+OBJ], [SUJ+parar+OBJ] e [SUJ+largar+OBJ], cujas similaridades de forma e de significado estão mais claras. Dessa maneira, agrupadas pelo círculo pontilhado, forma-se, então, a família transitiva de afastamento do português.

Figura 3 – Família transitiva de afastamento no português



Fonte: Elaboração própria.

Ainda, ressalta-se que a formação e a consolidação dessa família são viabilizadas pelos resquícios históricos das construções, que fortalecem e/ou especializam os significados verbais com o intuito de que estes estejam integrados à semântica geral de afastamento, da qual estão pressupostas as nuances de distanciamento, interrupção, término. Ademais, reforça-se

que, para ratificar a emergência e o desenvolvimento das construções, evidências diacrônicas se fazem essenciais, como vê-se a seguir.

### 3.2 Transição entre redes via emergência de um novo pareamento procedural

A principal premissa dos estudos clássicos em gramaticalização defende que construções gramaticais emergem a partir de significados verbais básicos, do domínio biossocial humano, através da transferência metafórica (HEINE, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Esse processo de mudança é ratificado, neste artigo, pela transição entre as redes da família transitiva, [+ concreta], para a família auxiliar, [+ abstrata].

A passagem ocorre quando, da relação descontinua entre agente e paciente, emerge o sentido abstrato de fim, de um agente que se distancia de um EsCo já iniciado. Tal fato pode ser atestado a partir da emergência da microconstrução aspectual com *deixar*.

Essa microconstrução se faz presente, sob a forma [leixar+de+V<sub>inf.</sub>], desde o período medieval do português; e, mesmo sem evidências diacrônicas anteriores ao século XIII, argumenta-se que seu surgimento se deu pela abstratização do *slot* de objeto da microconstrução transitiva [SUJ+deixar+OBJ] (PREZOTTO JR., 2020).

O referido *slot* admitia, tipicamente, apenas objeto da entidade semântica de indivíduo, mas, pela atuação do mecanismo de neanálise, surge a possibilidade de sancionar a entidade mais abstrata de EsCo, que se realiza e dura no curso temporal. Esse micropasso de mudança é exemplificado pelas ocorrências (15) e (16), do português arcaico, em que, ainda inserida na família transitiva, a microconstrução com *deixar* não sanciona, no *slot* de objeto, um indivíduo, mas um EsCo na forma de verbo nominalizado, [determinante + V<sub>inf.</sub>].

- (15) Joam Vaásquez, moiro por saber de vós por que **leixastes o trobar**, ou se foi el vos primeiro leixar (12Cantigas2).

“João Vasques, morro por saber de vós porque **deixastes o trovar**, ou terá sido o trovar que te deixou primeiro?” (PREZOTTO JR., 2020, p. 82).

- (16) Sobr' esto diss' o meny~o: Madre, [...] des oge mais vos consello que **o pedir leixedes**<sup>11</sup>, pois vos dá Santa Maria por mi quanto vos queredes [...]. (12Mettman:CantigasSM1).

<sup>11</sup> A anteposição do objeto é comum no português arcaico.

“Sobre isso, disse o menino: Mãe, daqui em diante, vos aconselho que **deixeis o pedir**, pois, por mim, Santa Maria vos dá tudo o que quiserdes.”

Em (15), o EsCo *o trovar* aponta para o questionamento sobre o motivo de João Vasques ter se afastado da arte de fazer poesias. Em (16), o filho pede que sua mãe interrompa os pedidos feitos à Santa Maria. Então, mediante as ocorrências, pressupõe-se que *o trovar* e *o pedir* denotam a finalização de EsCo que aconteciam antes.

Certificada a abstratização, defende-se que, via neoanálise, tais contextos são prenúncios da formação da construção auxiliar, uma vez que esse micropasso é o gatilho para a emergência do novo pareamento procedural, considerado, então, um caso de construcionalização gramatical.

Agora, passa-se à análise quantitativa, que demonstra como [deixar+de+V<sub>inf.</sub>] se torna frequente e sedimentada na memória dos usuários, promovendo-se como membro central, mais prototípico, da família de aspecto final. Entre os diversos parâmetros que comprovam esse fato (*vide* PREZOTTO JR., 2020), seleciona-se aqui o da frequência *token* de tipos semântico-pragmáticos de verbos sancionados pelo único *slot* aberto da construção: V<sub>inf.</sub>.

A tabela 2 e a figura 4 ilustram os resultados estatísticos de frequência *token*.

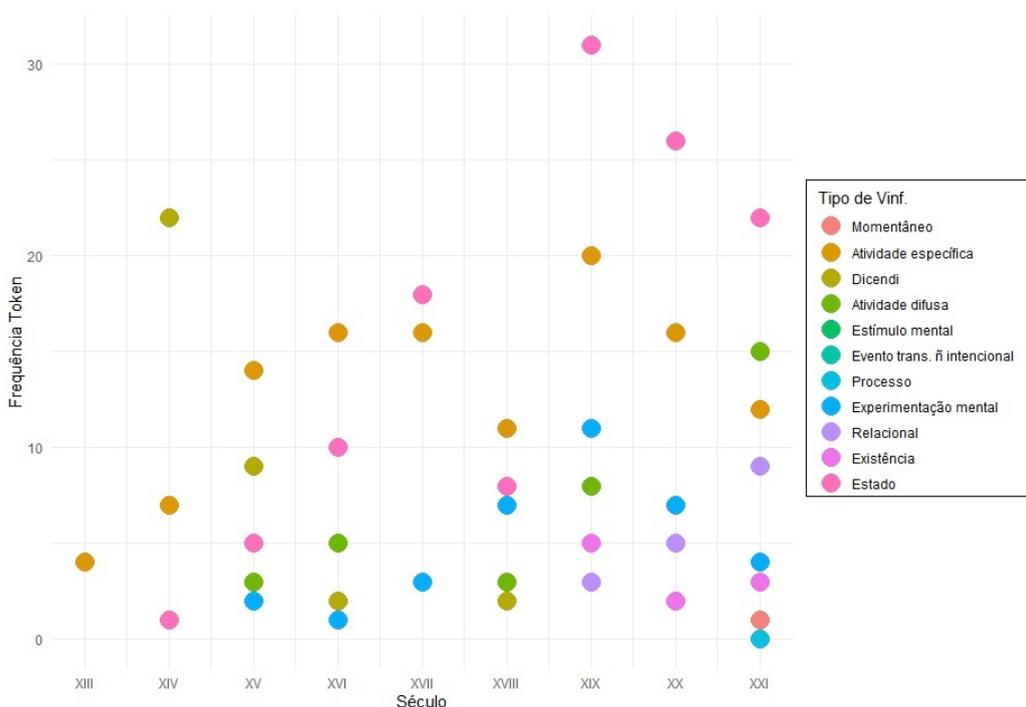
Tabela 2 – Frequência *token* dos tipos de V<sub>inf.</sub> da microconstrução [deixar+de+V<sub>inf.</sub>]

Século		[deixar+de+V <sub>inf.</sub> ]									
		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Σ
Tipo e exemplo											
<i>Momentâneo</i>	<i>bater; chutar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
<i>Atividade específica</i>	<i>ir; beber</i>	4	7	14	16	16	11	20	16	12	116
<i>Dicendi</i>	<i>falar; chamar</i>	-	22	9	2	3	2	-	2	-	40
<i>Atividade difusa</i>	<i>trabalhar; usar</i>	-	1	3	5	3	3	8	7	15	45
<i>Estímulo mental</i>	<i>sofrer; agradar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Evento transitório não intencional</i>	<i>nascer; acordar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Processo</i>	<i>crescer; congelar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Experimentação mental</i>	<i>pensar; gostar</i>	-	-	-	10	3	7	11	7	4	35
<i>Relacional</i>	<i>ter (posse); precisar</i>	-	-	-	-	-	-	3	5	9	17

Existência	<i>existir; haver</i>	-	-	-	-	-	-	5	2	3	10
Estado	<i>ser; estar</i>	-	1	5	10	18	8	31	26	22	121
$\Sigma$		4	31	33	34	43	31	78	65	66	385

Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Frequência token dos tipos de  $V_{inf}$  da microconstrução [deixar+de+ $V_{inf}$ .]



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados dispostos na tabela 2 e no gráfico da figura 4 confirmam a gradativa abstratização de tipos de  $V_{inf}$  ao longo das sincronias. Em geral, pode-se afirmar que a microconstrução com *deixar* inicia sua trajetória pela sanção de verbos mais concretos e chega, no português moderno, com considerável aumento de verbos mais abstratos. Essa expansão colocacional é promovida pela neoanálise, que não restringe o *slot* a admitir apenas um tipo verbal.

Especificamente, ressalta-se que os tipos semânticos básicos de atividade específica, dicendi, atividade difusa e experimentação mental apresentam certa estabilidade desde o século XV; os tipos abstratos, presentes desde a fase arcaica, se expandem e crescem, gradualmente, em frequência, como o caso dos tipos relacional e de existência, emergidos no português moderno, e do tipo verbal de estado. Feito notável desse último tipo, representado, majoritariamente, pelo verbo *ser*, é sua superação, em frequência, dos demais tipos a partir dos séculos XIX, XX e XXI.

Portanto, do surgimento, via construcionalização gramatical, e da possibilidade de uso em contextos mais abstratos, pelo aumento do arranjo colocacional de  $V_{inf.}$  [deixar+de+ $V_{inf.}$ ] se consolida como membro central da família aspectual. Contudo, essa não é a única microconstrução a denotar a semântica de fim, há outros pareamentos que foram inclusos na família tardiamente.

### 3.3 Desenvolvimento da família aspectual através da inclusão de novos pareamentos

Conforme abordado na seção 3.1., a microconstrução transitiva de *deixar* se relaciona, horizontalmente, com outras construções similares, todas compartilhando a semântica geral de afastamento. Na transição entre redes, a ativação de [deixar+de+ $V_{inf.}$ ], enquanto marcador procedural, permitiu a expansão do pareamento aspectual para construções, formal e semanticamente, similares. Isso ocorre pois o conhecimento gramatical do usuário envolve conexões associativas entre padrões construcionais similares, influenciando o acesso construcional (DISSEL, 2019).

A atuação do mecanismo de ativação expandida impulsionou a ação da analogização, contribuindo na inclusão de novos pareamentos encabeçados por *parar* e *largar* como membros da família auxiliar, promovendo, portanto, o desenvolvimento da família.

A partir de indícios diacrônicos do *corpus* analisado, argumenta-se que a microconstrução aspectual [parar+de+ $V_{inf.}$ ] emerge apenas no século XVIII, já sancionando tipo de sujeito mais abstrato, *as determinações*, da entidade semântica de proposição, conforme mostra a ocorrência (17). Da sincronia atual, em (18), o sujeito elíptico do nó aspectual indica que o EsCo *pensar* atingiu um ponto final.

- (17) O sangue corria a tingir as areias e só as determinações **paravam de aumentar** os sobressaltos. Nesta perigosa batalha da piedade

e do receio, trouxe a fortuna só favorável aos desvãidos, por acaso àquele lugar, um cavalheiro que descontente dos sossegos costumava buscar alívio nos desvelos e fugir dos povoados por conversar só com os seus pensamentos. (17:Gloria:Brados). (PREZOTTO JR., 2020, p. 99).

- (18) **Parei de pensar** que eu poderia ter feito escolhas diferentes, que poderia ter ido em frente com os MEUS sonhos de ir estudar em um curso público. (20001pontodevista.zip.net).

Após dois séculos do surgimento de *parar*, em meados do século XX<sup>12</sup>, emerge, na rede auxiliar, a microconstrução [largar+de+V<sub>inf.</sub>], indicando, também, finalização de um EsCo durativo, como mostra a ocorrência em (19), e se conectando às outras microconstruções da família aspectual.

- (19) Dona Gertrudes agarrou na mão dela, antes de sair deu uma gargalhada satânica, gritou para Salvini: - Você, seu carcamano, quando nasceu te jogaram duas vezes na parede: uma vez grudou, outra não! Esmeralda compreendeu, **largou de chorar** e riu até a mãe dizer chega com dois beliscões. (19:Fic:Br:Castilho:Avulsos).

Além do uso ilustrado em (19), que denota a vontade de um agente na conclusão de um evento, sobressaiu-se, durante a análise dos dados (75/87), o uso intersubjetivo, ou ainda, especializado de [largar+de+V<sub>inf.</sub>] no século XXI. Diferentemente de usos subjetivos, nos quais as microconstruções de aspecto final, flexionadas no modo

<sup>12</sup> Anterior ao surgimento da microconstrução aspectual com *largar*, há, no século XIX, uma microconstrução muito próxima formalmente, mas semanticamente distinta: [(neg.)+largar+ de+V<sub>inf.</sub>]. A partícula negativa, preenchida por *sem*, *não*, *nunca*, *jamais* no primeiro *slot*, faz com que o todo construcional expresse o valor procedural de aspecto cursivo, cuja função é a de apontar para o pleno progresso do EsCo na situação interativa. Portanto, por denotar outro tipo aspectual, não se considera, neste trabalho, a descrição deste pareamento. Segue um dado do referido século como exemplo: “O infeliz ergueu-se por fim, e pôs-se a andar ao comprido da alcova, muito alvoroçado, **sem largar de fazer** com a boca e com os olhos contorsões epiléticas. (18:Azevedo:Condessa)” = continua fazendo com a boca [...]. Enfim, ressalta-se que a presença de uma unidade negativa, invertendo valores aspectuais, também é comum nas microconstruções com *deixar* e *parar* (e.g. “**jamais** deixei de amar Marcos” = continuo amando”; “**não** parei de fumar” = continuo fumando”).

indicativo, especialmente, nos tempos do pretérito, evidenciam que a finalização de um EsCo está sujeita à atitude do agente; o contexto em (20) sinaliza que o fim do EsCo requer o envolvimento de uma segunda pessoa, geralmente, designada pelo vocativo, seguido da flexão de *largar* no modo imperativo<sup>13</sup>.

(20) MA Karla, advogada, **larga de ser** boba que homem nenhum e nem o teu vai ser só teu, bota isso na tua ideia se ele tava com uma amante é porque tu também não é essas cinco estrelas ai que tu esta mencionando (20elo.com.br).

Pelo uso do imperativo, que traz, fortemente, as noções de ordem e solicitação (LYONS, 1977), a ocorrência em (20) indica que os momentos finais do EsCo *ser* dependem, exclusivamente, da intenção da interlocutora, MA Karla, em abandonar ou não o estado *ser boba*.

Após descrever os usos das microconstruções aspectuais com *parar* e *largar*, segue-se a análise quantitativa dos tipos semânticos de  $V_{inf}$ .

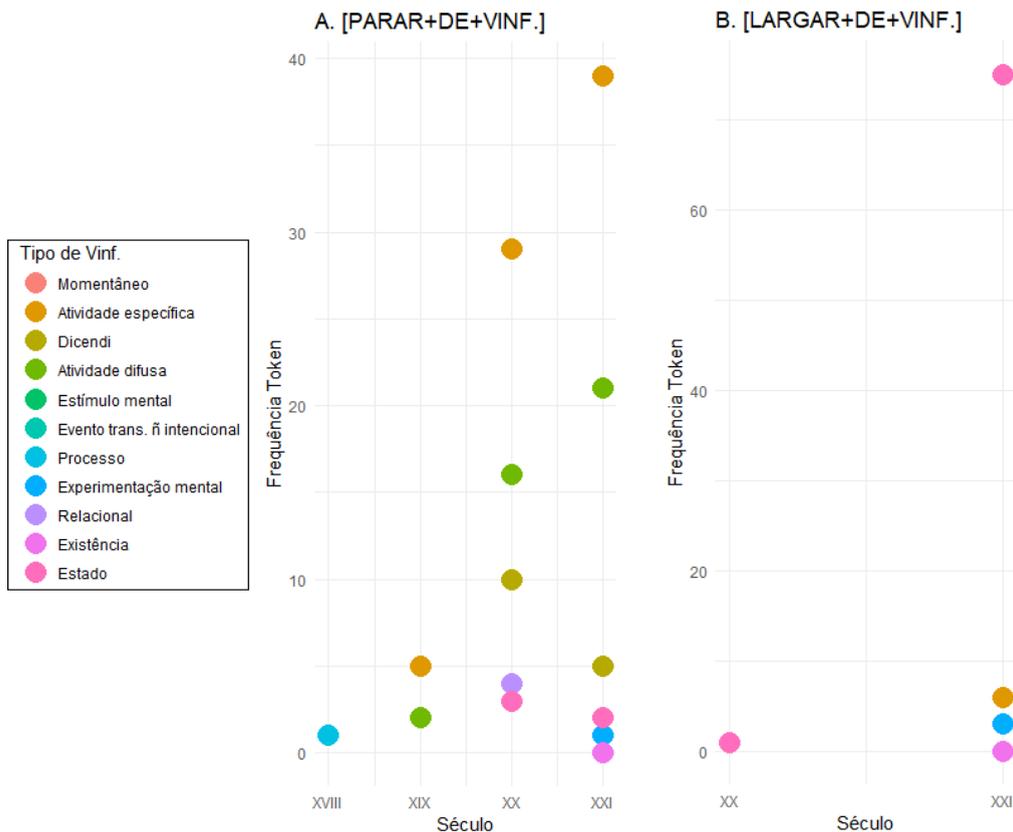
Tabela 3 - Frequência *token* dos tipos de  $V_{inf}$  de [parar+de+ $V_{inf}$ .] e [largar+de+ $V_{inf}$ .]

Tipo e exemplo		[parar+de+ $V_{inf}$ .]					[largar+de+ $V_{inf}$ .]		
		Século	XVIII	XIX	XX	XXI	$\Sigma$	XX	XXI
<i>Momentâneo</i>	<i>bater; chutar</i>	-	-	3	-	3	-	-	-
<i>Ativ. específica</i>	<i>ir; beber</i>	-	5	29	39	73	1	6	7
<i>Dicendi</i>	<i>falar; chamar</i>	-	-	10	5	15	-	-	-
<i>Atividade difusa</i>	<i>trabalhar; usar</i>	-	2	16	21	39	-	3	3
<i>Estímulo mental</i>	<i>sofrer; agradar</i>	-	-	-	2	2	-	-	-
<i>Evento transitório não intencional</i>	<i>nascer; acordar</i>	-	-	-	2	2	-	-	-
<i>Processo</i>	<i>crescer; congelar</i>	1	-	3	-	4	-	-	-
<i>Experimentação mental</i>	<i>pensar; gostar</i>	-	-	3	1	4	-	3	3
<i>Relacional</i>	<i>ter (posse); precisar</i>	-	-	4	-	4	-	-	-
<i>Existência</i>	<i>existir; haver</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Estado</i>	<i>ser; estar</i>	-	-	3	2	5	1	75	76
$\Sigma$		1	7	71	72	151	2	87	89

<sup>13</sup> Esse uso não é restrito à microconstrução com *largar*; as de *deixar* e *parar* também apresentam essa possibilidade, mas com baixa frequência.

Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 – Frequência *token* dos tipos de  $V_{inf.}$  de [parar+de+ $V_{inf.}$ ] e [largar+de+ $V_{inf.}$ ]



Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostrado na tabela 3 e no gráfico da figura 5, [parar+de+ $V_{inf.}$ ] mantém uma coerência interna sobre os tipos de  $V_{inf.}$ , que, diferentemente de *deixar*, tem produtividade parcial, pois sanciona, até a sincronia atual,  $V_{inf.}$  mais concretos, como atividade específica e atividade difusa.

Uma plausível resposta para a alta frequência de tipos verbais mais concretos está na recente incorporação de *parar*, via analogação,

à família auxiliar. Então, considera-se que o processo de abstratização do *slot* de  $V_{inf}$  ainda se encontra em pleno desenvolvimento, em outras palavras, argumenta-se que a neoanálise ainda se faz presente, possibilitando a sanção de tipos mais abstratos e expandindo o arranjo colocacional do *slot*.

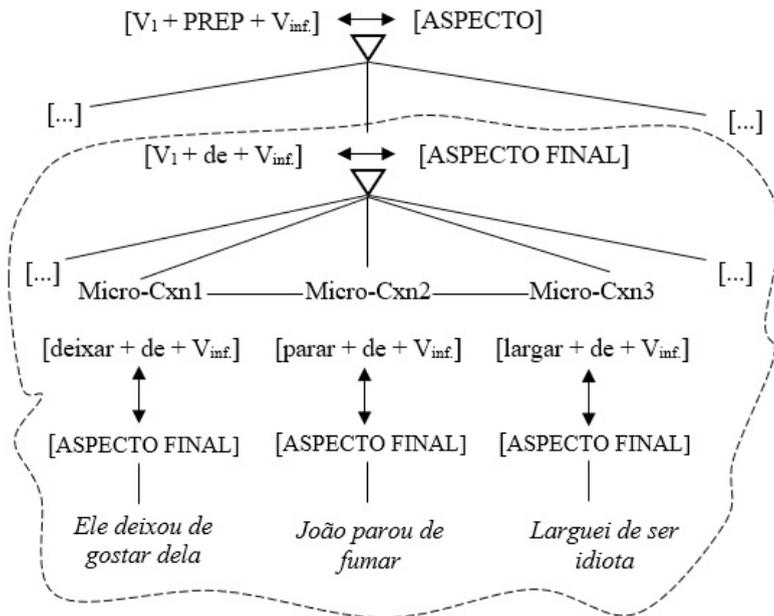
Divergindo da estabilidade de *parar*, a microconstrução de *largar* já emerge no século XX, com o tipo de  $V_{inf}$  mais abstrato, estado, representado pelo verbo *ser*, como alto em frequência. Esse fato corrobora a atuação do mecanismo da analogização, pois *largar* segue o fluxo das sincronias recentes de *deixar* (séculos XIX, XX e XXI), que exibem o tipo verbal de estado como mais frequente.

Além disso, sugere-se que a neoanálise não atua na microconstrução de *largar* na atual sincronia, conforme o faz com *parar*, na expansão para novos tipos de  $V_{inf}$ , pois, [largar+de+ $V_{inf}$ ], além de seu uso comum, parece se especializar em um uso intersubjetivo específico, apontando para um fim que depende de outro participante da interação.

Em síntese, ao comparar-se os resultados de tipos semânticos de  $V_{inf}$ , defende-se que *parar* e *largar* são parcialmente produtivas, por não sancionarem no *slot* aberto diversos tipos verbais e manterem, como frequente, tipos verbais específicos. Também, argumenta-se que, embora inclusas na rede auxiliar tardiamente via os mesmos mecanismos cognitivos, *parar* e *largar* têm suas especificidades de uso: o fim indicado por *parar* advém de verbos mais concretos, já o fim expresso por *largar* é cunho mais pragmático, pois, o EsCo pode ter ou não conclusão, a depender da intenção do interlocutor na situação comunicativa.

Finalmente, para encerrar esta seção, exhibe-se, na figura 6, a família aspectual final.

Figura 6 – Família de aspecto final do português



Fonte: Elaboração própria.

No mapeamento sincrônico apresentado, as microconstruções aspectuais herdam, verticalmente, do esquema auxiliar (ilustrado pelas linhas conectadas aos triângulos), a forma  $[V_1 + \text{prep} + V_{\text{inf}}]$  e o significado geral [ASPECTO]. No nível do subesquema, a categoria aspectual se especializa, denotando a fase final de um EsCo. Nesse nível, se conectam as microconstruções com *deixar*, *parar* e *largar* horizontalmente (representado pelas linhas retas). Através dessa organização, representada pelo círculo pontilhado, forma-se a família de aspecto final no português. Vale ressaltar que as reticências nos colchetes mostram que há outras construções nessa família.

#### 4 Conclusão

Ao se considerar como essencial axioma de que as construções, nas redes linguísticas, não estão desestruturadas e isoladas, mas, fortemente, conectadas e sedimentadas através de elos verticais, que

as ligam a um esquema abstrato, e por meio de elos horizontais, que as unem pelas semelhanças de forma e de significado; tratou-se, neste artigo, da emergência e do desenvolvimento da família construcional de aspecto final.

A formação desse grupo procedural tem origem na família transitiva, que expressa a relação semântica de afastamento entre os participantes da predicação. Membro desta família conteudística, a microconstrução com *deixar* tem seu *slot* de objeto neoanalisado, passando a sancionar entidades semânticas mais abstratas. Dessa abstratização, emerge, então, o pareamento [deixar+de+V<sub>inf.</sub>]. Já na rede auxiliar, via o mecanismo de ativação expandida, essa unidade torna-se membro central da família aspectual. Séculos mais tarde, surgem, via analogização, as microconstruções com [parar+de+V<sub>inf.</sub>] e [largar+de+V<sub>inf.</sub>], que, compartilhando similaridades de forma e de significado, também se consolidam na família aspectual.

Especificamente, em termos de esquematicidade, alega-se que as três unidades são parcialmente esquemáticas, uma vez que apresentam o *slot* de V<sub>inf.</sub> aberto, que pode sancionar diferentes tipos semântico-pragmáticos de verbos.

Sobre a produtividade, defende-se que a microconstrução de *deixar* é mais produtiva, pois, no decorrer das sincronias, expande seu arranjo colocacional de V<sub>inf.</sub>, possibilitando diferentes tipos e alta frequência de tipos mais abstratos; a de *parar* é parcialmente produtiva, porque mantém a frequência de tipos centrada em tipos de V<sub>inf.</sub> mais concretos, apesar de possibilitar, raramente, a sanção de verbos mais abstratos; já a de *largar* sanciona, desde sua emergência, o tipo abstrato de estado como mais frequente, e, esporadicamente, tipos verbais mais concretos, assim, também, considera-se sua produtividade como parcial.

Quanto à composicionalidade, argumenta-se que as três microconstruções são não composicionais, uma vez que *deixar*, *parar* e *largar*, combinados com a preposição *de* e V<sub>inf.</sub>, servem à expressão dos momentos finais de um EsCo durativo.

Dos resultados desta investigação, depreende-se a importância de se considerarem processos cognitivos, como neoanálise, ativação expandida e analogização, na formação e manutenção de famílias construcionais, além da oportunidade, promovida pela perspectiva diacrônica, de identificar resquícios das formas originais e de encontrar pontos de passagem entre as redes multiformes, constatando que as construções não surgem *ex nihilo*.

## Agradecimentos

Agradece-se ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código de financiamento 001, Processo n. 88887.488584/2020-00).

## Referências

- BARÐDAL, J.; GILDEA, S. Diachronic Construction Grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 1-50.
- BARÐDAL, J. *Productivity: evidence from case and argument structure in icelandic*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BORBA, F. S. *Dicionário gramatical do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1990.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*. v. 8. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 83-121.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2014.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 1 bilhão de palavras, Web/Dialetos*, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s.*, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DIESSEL, H. *The Grammar Network. How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DA BROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 295-319.

DU CANGE, D. *et al.*, *Glossarium medicæ et infimæ latinitatis*. Niort: Favre, 1883.

FERREIRO, M. *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa*. Coruña: Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <http://glossa.gal>. Acesso em: 02 set. 2021.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 2016.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Explain Me This. Creativity, Competition, and the partial Productivity of Constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, E.; OLOFSSON, J.; ANDERSSON, P. (eds.), *Grammaticalization Meets Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39.

HINTZE, A. C. H. O percurso de gramaticalização dos verbos indicadores de cessamento. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, Paraná, v. 9, n. 18, p. 37-52, 2013. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v9i18.8244>

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LYONS, J. *Semantics*. v. 1-2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

PREZOTTO JR., J. R. *As microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” no português na expressão de aspecto final*. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2020.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 08 set. 2021.

RAPOSO, E. P. B. *et. al. Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 1-2.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. *Introduction: The nature of the node and the network – Open questions in Diachronic Construction Grammar*. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1-42.

SOARES DA SILVA, A. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SOARES DA SILVA, A. (Inter)Subjectificação na linguagem e na mente. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, Braga, Portugal, v. 15, n. 1, p. 93-110, 2011.

SOMMERER, L. Constructionalization, constructional competition and constructional death: Investigating the demise of Old English POSS DEM constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 69-103.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2010.v6n1a4442>

TORRENT, T. T. *A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

TORRENT, T. T. The Constructional Convergence and the Construction Network Reconfiguration Hypotheses. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 173-212.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira; Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da Abralín*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 9-60, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5 ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (eds.). *Extending the scope of construction grammar*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2014. p. 141–179.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. (org.). *Dicionário de verbos portugueses dos séculos 12 e 13/14*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 02 set. 2021.

ZEHENTNER, E.; TRAUGOTT, E. C. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 167-211.